

Escola comunitária prepara alunos em favela

Estudantes da Tabor, na zona leste da capital, foram aprovados em cursos profissionalizantes

GABRIELA ATHIAS

Este ano, 19 alunos da Escola Comunitária do Tabor, favela na zona leste de São Paulo, foram aprovados nos teste de admissão em escolas profissionalizantes da capital. O Tabor seria apenas mais um lugar cinzento na paisagem paulistana não fosse a escola comunitária, que oferece ensino de qualidade combinando bolsa-aprendizado, parcerias (com empresas e organizações não-governamentais) e um centro para atender ex-alunos. "Preparamos os estudantes para ingressar em boas escolas; só assim eles podem melhorar de vida", diz a freira Iara de Moraes Passos, diretora.

As crianças e adolescentes do Tabor moram em casebres mal construídos, assombrados pela insegurança e rodeados de adultos desempregados. Entre os 516 alunos, da pré-escola à 4.ª série, 90%, segundo Iara, vêm de lar violento. Mas exibem indicadores escolares de Primeiro Mundo. O índice de evasão escolar é zero e a taxa de repetência é de 5%, a meta da Secretaria da Educação para as perdas do ensino fundamental. As crianças, que em casa são submetidas a grande carga de estresse, na escola ajudam a amamentar cabritos, um dos animais criados no Centro de Juventude. "As crianças acabam adorando vir para a aula", diz Iara.

Há dois anos, a equipe do Tabor percebeu que era preciso trabalhar com os adolescentes que concluíam a 4.ª série, a última oferecida pelo Centro Comunitário para facilitar sua aprovação em outros colégios. A equipe resolveu estabelecer essa ponte e incluiu no projeto do Centro de Juventude (que atende ex-alunos do Tabor matriculados na rede pública) aulas de reforço escolar.

Em 1997, seis estudantes tentaram ingressar em escolas do Serviço Nacional da Indústria (Senai) ou Serviço Social do Comércio (Sesc) e



Irmã Iara, com crianças, no colégio: "Preparamos os estudantes para ingressar em boas escolas"

apenas quatro conseguiram. Em 1998, os 19 que decidiram continuar a estudar foram aprovados.

"É importante a escola acompanhar todo o ciclo do aluno", diz Itamar Batista Gonçalves, da Fundação Abrinq Pelos Direitos da Criança, um dos parceiros da escola, que também tem convênio com a rede pública estadual. "O inovador nesse projeto é oferecer aulas de reforço e propiciar a participação em projetos que estimulem a criatividade", completa. Segundo ele, embora poucas favelas paulistanas tenham criado projetos educacionais próprios, as que tiveram iniciativa têm conseguido resultados muito positivos.

A equipe de coordenação também consegue bolsas de 5.ª a 8.ª série em escolas privadas "que ajudam a promover um intercâmbio social" entre os adolescentes, segundo Iara. O contato com pessoas de fora também é feito por meio dos voluntários de várias regiões, que dão au-

las de reforço para as crianças.

Os pais das crianças do Tabor, quase todos nordestinos, evitam mudar de bairro antes do fim do ano letivo, em busca de emprego, para não tirar os filhos da escola. Antônio Thozzi, assistente de direção da Escola Municipal Anália Franco Bastos, um colégio sem muitas condições de funcionamento, que atende os moradores da Favela Nelson Cruz, na zona leste, diz que o índice de evasão escolar, de 52%, deve-se ao constante deslocamento dos pais dos alunos. "Quando a escola atende às necessidades das crianças e das famílias, os pais ficam na região exatamente em razão da educação dos filhos", diz Terezinha Vasconcelos Florentino, vice-diretora da Escola do Tabor.

A realidade da escola Anália Franco repete-se com frequência na periferia de São Paulo. Os 1,2 mil alunos da Escola Municipal Paulo Freire, na Favela do Paraíso, zona sul, por exemplo, estudam em uma escola feita de latão. Segundo

levantamento do Sindicato dos Professores em Educação no Ensino Municipal (Simpeem), até junho, das 103 escolas que deveriam ter sido construídas nos últimos três anos, somente 20 foram concluídas. A maior de-

manda é na periferia.

"Não fiz acordo com o tráfico", explica a irmã, responsável por 516 alunos, filhos das cerca de 700 famílias do Tabor. Mas já chegou a fechar o centro por duas vezes, para indicar que não aceita provocações:

EVASÃO É
ZERO E
REPROVAÇÃO
ATINGE SÓ 5%